

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Curso de Bacharelado em Museologia



Trabalho de Conclusão de Curso

A Memória Social do Campo de Futebol de várzea do Bairro da Vila Progresso:

Estudo de Caso do Clube sete de Setembro.

João Pedro Rodrigues da Conceição

Pelotas, 2017

João Pedro Rodrigues da Conceição

A Memória Social do Campo de Futebol de várzea do Bairro da Vila Progresso.

Estudo de Caso do Clube sete de Setembro.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Bacharelado em
MUSEOLOGIA da Universidade Federal de
Pelotas, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em MUSEOLOGIA.

Orientador: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Pelotas, 2017

Agradecimento

Primeiramente gostaria de salientar que é impossível agradecer de fato a todos que contribuíram com esse trabalho de conclusão, que é um produto final de todo um processo. Estarei cometendo algumas injustiças ao esquecer algumas pessoas, que por não estarem aqui citadas, ainda sim são igualmente importantes. Cabe inicialmente agradecer ao meu Pai Romildo, Minha Mãe Silvana, irmãos, primos e em especial a querida Isabela, (nossa futura física) e familiares que contribuíram com todo processo de formação desde a infância, financeiro e emocional que me permitiram estar concluindo essa fase da vida e a todos os amigos, colegas de curso, companheiros de EXNEMUS que compartilharam essa fase de militância e enriqueceram trazendo muito conhecimento e sabedoria.

No enfoque a este trabalho gostaria muito de agradecer aos Professores Aristeu, que me orientou e a Professora Maria Leticia, Professora da disciplina do TCC que ao longo desse processo de escrita, embora, em meus devaneios sempre me incentivaram a continuar, trazendo contribuições e broncas para que enfim pudesse terminar esse trabalho.

Muito especialmente também ao meu Tio Adilson Rodrigues, que em meus passos iniciais me apresentou as pessoas que entrevistei e que me indicaram caminhos para que caminhasse na pesquisa. Ao pessoal entrevistado e que conversei com toda sua boa vontade, o Sidnei e sua família que me receberam muito bem, Kaká, Gigante, aqueles que apenas conversaram comigo sobre o clube, no caso o Pelé, Valter, Coelho (bar do Sete). Ao Jeean Karlos, grande amigo e colega de pensionato que me ajudou muito na escrita e elaboração do trabalho.

Aos Professores que ao longo do curso sempre contribuíram principalmente aqueles em que pude trabalhar em seus projetos aos Professores Diego Ribeiro, Prof.^a Rosane Rubert, Prof.^a Carla Gastaud, Prof. Noris, Prof.^a Sarah, Prof. Daniel. Aos colegas de curso de Museologia da UFPel e de outros cursos que dividiram momentos de alegria e sabedoria como Pedro Alexandre, Patrícia Morales e sua Mãe, Fernando (UFGRS), Natália Silva (UFRGS), Bruina, Samira, Rochele, Aline Motta, Aline e Taimara, Anderson Passos, Beatrice, Giovanni(UFMG),Silvia(UNB)

Diego Rabello, Marlene, Eliana, Saulo Moreno(UFSC), Vinicius Zacarias(UFRB), Eldon(UFBA), Karina(ETEC-SP),Wellington, Zé, Zingaro, Camila (UFGRS) Meus grandes amigos e colegas de pensionato Vitório e sua família, Mário, Fabiano, Wanderson e todos os outros que compartilharam comigo e que fizeram dessa passagem, cada um da sua maneira, esse processo mais suave, agradável e especial. Muito obrigado a todos e a todas, que possamos viver com mais democracia sempre, em busca de uma educação publica e gratuita a todos, com enfoque na justiça social.

Resumo

CONCEIÇÃO, João Pedro Rodrigues. **A Memória Social do campo de várzea do Bairro da Vila Progresso**: Estudo de caso do Clube Sete de Setembro. 2017. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Museologia. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

O futebol de várzea é uma denominação de uma prática esportiva muito difundida pelas periferias do Brasil. Na cidade de São Paulo, esta prática é mais do que uma prática esportiva e se torna um dos principais atrativos para bairros nas periferias dessa grande cidade, seja por falta de lazer, ou, por uma tradição que acompanha o crescimento desses bairros. A prática do futebol de várzea na Zona leste da Cidade de São Paulo é bem difundida e esta região conta com diversos times tradicionais. Dentre eles o Sete de Setembro. Atualmente tem uma sede em terreno privado. Ao passar do tempo, teve quatro campos todos dentro dos limites da Vila Progresso. Por isso o presente trabalho de conclusão de curso pretende analisar a relação do Clube Sete de Setembro da Vila Progresso com seu bairro. Buscando as memórias sociais em torno do campo através de entrevistas com pessoas ligadas ao clube e ao bairro para que assim possamos analisar essa relação e entender como o clube participa historicamente da vida desse bairro e dessas pessoas. Iniciando um processo de busca por essa memória com o objetivo de ampliação do olhar sobre o campo, para além de uso comum, conseqüentemente como um possível espaço de memória.

Palavras-chave: memória; futebol de várzea; lugar de memória.

Abstract

CONCEIÇÃO, João Pedro Rodrigues. **A Memória Social do campo de várzea do Bairro da Vila Progresso: Estudo de caso do Clube Sete de Setembro.** 2017. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Museologia. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

Várzea football is a denomination of a sports practice very widespread in the peripheries of Brazil. In the city São Paulo, this modality is more than a sports practice, becomes one of the main attractions for districts in the peripheries of this big city, either for lack of leisure, or, for a tradition that accompanies the growth of these neighborhoods. The practice of várzea football in the East Zone of the City of São Paulo is very widespread and this region has several traditional teams. Among them is Sete de Setembro. It actually has a football Field in private property. Over time, it had four Field within the boundaries of Vila Progresso. Therefore the present work of course completion intends to analyze the relationship of the Sete de Setembro Club of Vila Progresso with its neighborhood. Researching the social memories of the residents of the neighborhood through interviews with people connected to the club and the neighborhood. So in this way we can analyze this relationship and understand how the club historically participates in the life of this neighborhood and these people. Starting a process of searching for this memory with the purpose of expanding the look on the field, beyond common use, consequently as a possible memory of place.

Key-words: memory, várzea football, memory of place.

Lista de Figuras

Figura 1	Fotografia do campo do Sete de Setembro, Fonte: Autor, 12/05/2016.....	18
Figura 2	Fotografia do Gigante em seu Bar, no dia da entrevista mostrando o quadro com as fotografias do time. Fonte: Autor 09/06/2016.....	21
Figura 3	Entrada do campo, Ao fundo o bar, e nessa parede estão quadro com fotografias do clube, espaço do bar, onde foram colocados os troféus para serem tiradas fotos. Fonte: autor (07/05/2016).....	23
Figura 4	Distintivo antigo do sete.....	33
Figura 5	Distintivo atual do sete. Imagens retiradas no Site Simm, dia 14/03/2017.....	33
Figura 6	Fotografia levada pelo Kaká, mostrando a Vila Progresso, por volta da década de 1950, à primeira estação de trem, denominada parada XV de novembro, que deu início ao loteamento, autor desconhecido, 2016.....	34
Figura 7	Fotografia levada pelo Kaká para entrevista, foto tirada após a inauguração do campo.....	36
Figura 8	Imagem dos limites do bairro do Google Maps, 2011.....	40

Figura 9	Onde se localizavam os campos de futebol do Sete, imagem retirada do Site Simm.,2017.....	41
Figura 10	Neste anúncio de 1955 vê-se que nesta época ainda se vendiam lotes em XV de novembro e a estação e o trem eram os grandes chamarizes (Folha da Manhã, 14/8/1955).....	42
Figura 11	Fotografias na sede do bar, Fonte: autor deste trabalho (07/05/2016).....	44

Sumário

1. Introdução.....	9
2. O Clube Sete de Setembro.....	16
2.1 Acervo do Clube.....	20
2.2 Conceitos.....	24
3. Clube na memória dos entrevistados.....	29
3.1 Como o clube existe na vida das pessoas.....	37
3.2 O Campo do Sete como referencial de memória do bairro da Vila Progresso.....	41
4. Considerações Finais.....	45
Referências Bibliográficas.....	47
Apêndices.....	50

1. Introdução

O trabalho de conclusão de curso apresenta uma pesquisa que analisou a relação do futebol de várzea com bairro da vila progresso. Tendo como estudo de caso o clube de futebol de várzea denominado “Sete de Setembro da Vila Progresso”, com sede no bairro da Vila Progresso do distrito de São Miguel Paulista na Zona leste da cidade de São Paulo. Com o foco na memória social do bairro sobre o campo. Utilizando-se de entrevistas orais semiabertas como metodologia para obtenção desta memória, com pessoas que tenham algum tipo de relação com o clube e também com o bairro. Visto que, ao longo de sessenta e dois anos de história, o Clube se manteve na Vila Progresso, mesmo mudando de sede por quatro situações distintas, todas dentro dos limites do bairro. Sendo que não existe nenhum trabalho de salvaguarda dessas memórias relativas ao clube e ao bairro. Buscando com os resultados dessa pesquisa, analisar essa relação entre o Sete de Setembro e a Vila Progresso. Iniciando um processo de busca por essa memória com o objetivo de ampliação do olhar sobre o campo para além de uso comum, mas, também um possível espaço de memória. Partindo da compreensão da memória enquanto faculdade individual, porém, com seu viés de construção social no que compreende Joel Candau (2011) em sua análise sobre Memória, em seus três níveis em seu livro sobre Memória e Identidade. Trazendo a interpretação da memória social enquanto viés teórico para análise do objeto de estudo, fugindo da interpretação da memória coletiva, compreendida hoje como arbitrária e quase inalcançável em sua essência.

Antes de qualquer outro aspecto, cabe contextualizar o leitor a noção de “futebol de Várzea” que será trabalhada. A nomenclatura dada ao futebol amador advém da origem do futebol no Brasil. As primeiras práticas futebolísticas com o surgimento do esporte no país, que no início do Século XX tem sua localidade em clubes esportivos da elite e com o operariado, no caso, da prática nos horários em que os trabalhadores estavam de folga. O nome “futebol de várzea” tem origem nos locais de suas práticas, nas várzeas dos rios, pois eram perto das casas dos

operários e locais desocupados até então, Vale ilustrar que na cidade de São Paulo, essa prática se consolidou nas várzeas do rio Tietê (BEVERARI, 2009).

Com o desenvolvimento da capital paulista, houve a ocupação destes espaços por parte de grandes avenidas, prédios, acarretando a mudança dessa população e dessa prática esportiva para as periferias da cidade. Como o Futebol de várzea pouco se difere do futebol profissional em sua prática esportiva, continua seguindo em linhas gerais as mesmas regras. O diferencial se encontra no processo de organização. Apesar da diferenciação em diversos casos dos conceitos de futebol de várzea nas diversas partes do Brasil, o futebol amador é aquela prática esportiva do futebol de campo, disputado por onze atletas, em que dois clubes se enfrentam em um campo com os mais variados tipos de pisos, desde gramados à terra batida (BEVERARI, 2009).

Contudo, isso não é o diferencial entre o futebol de várzea e o profissional, mas sim o modo de organização dos times. Em sua maioria possuindo organização com caráter amador, como é no caso do Sete de Setembro, um clube que está muito ligado a um grupo de amigos do bairro, a uma rua ou a uma determinada região. Que decidem se juntar para jogar um futebol nos finais de semana livres e para isso organizam um time, que pode ter diversos níveis de organização desde aquela mais amadora possível até a semiprofissional. No caso dos clubes de futebol de várzea que possuem um nível de organização semiprofissional, a depender da avaliação, esses clubes possuem mais estrutura que muitos times que possuem caráter profissional. São times, que possuem sede própria, pagam salários aos jogadores, no caso dos clubes mais amadores a relação dos clubes de futebol de várzea com o bairro se dá de maneira mais direta, pelo fato de geralmente serem os próprios moradores do bairro a cuidarem do clube de maneira voluntária, em algumas situações os dirigentes pregam seu próprio dinheiro ao clube.

Nesses critérios se encaixam o Sete, que apesar de ter uma estrutura administrativa com presidente, diretorias, sede administrativa e campo próprio. O Sete de Setembro se enquadra no padrão de clube de futebol de várzea, por ser administrado e gerido nos critérios acima elencados, também é gerido por moradores da região, que não necessariamente foram atletas.

Outro objetivo do estudo é levantar informações relativas às memórias do futebol de várzea, principalmente da zona leste, para que parte dessa história possa ser preservada e futuramente utilizada como valorização desta prática. Através das entrevistas podemos perceber a riqueza de histórias relativas ao clube, quanto mais se procura, mais se encontram histórias as quais são materializadas por objetos relativos ao clube, tais como: documentos, troféus, atas, fotografias, os objetos também mostram como se dá a relação entre bairro e clube.

A justificativa para realização deste trabalho vem da minha trajetória, residente da região, com a família residindo próxima ao clube e sempre tive um gosto por futebol de várzea. Além de ter sido jogador de futebol amador. Durante os anos de graduação em museologia na UFPel fui tendo contato com a importância da memória, como instrumento de mudança e como essa memória fortalece e valoriza laços identitários, acarretando benfeitorias para as comunidades. Durante a busca por um tema para o trabalho de conclusão de curso, pensei em relacionar o tema com algo familiar, mas que também trouxesse benefício para o lugar de onde vim, e o tema escolhido foi futebol de várzea.

Partindo deste tema, observando muito do que havia visto durante minha formação, a relação de memória e poder (CHAGAS, 2000) poderia citá-lo, e como isso poderia ser observado na relação da cidade de São Paulo com a sua memória, muito marcada também nos diversos museus da maior cidade do Brasil. Faço aqui uma relação pelo fato do futebol de várzea ser praticado, em sua plena maioria, nas periferias das grandes cidades. Em São Paulo, não é diferente, embora, mesmo em vários locais, o futebol de várzea tenha suas peculiaridades, as práticas geralmente ocorrem em regiões periféricas. Talvez nesse sentido, como outras tantas práticas das periferias, essa seja mais uma que passa despercebida nessas relações de poder da memória. Como cita (BEVERARI, 2009) na apresentação da sua tese mostrando o futebol de várzea enquanto espaço de resistência contra o poderio da elite. Embora exista o museu do futebol, localizado nas dependências do Estádio Pacaembu na mesma cidade, que tem um excelente centro de referência sobre o futebol, trazendo consigo relatórios sobre clubes de futebol de várzea, porém pouco se percebe em sua exposição permanente e nas temporárias essa vertente de

futebol. Contudo, esse museu não pode representar tudo e a todos, salientando sua importância, entretanto, devido à tradição do futebol de várzea na cidade paulistana verifica-se a importância de uma atenção maior a essa memória. Outra ação importante em torno da memória das periferias, com foco no futebol de várzea, foi o tombamento do Parque do povo¹, que logo posteriormente foi desfigurada em uma requalificação do parque que destruiu a maior parte dos campos de futebol de várzea tombados anteriormente (SCIFONI, 2013). Mostrando como essa memória mesmo que com a força da lei tende a sofrer por relações de poder.

Pesquisando mais sobre o tema, nota-se a carência de bibliografias referentes ao estudo do futebol. Embora seja um tema muito popular, estudado na área de sociologia ou humanidades. A grande maioria dos estudos se volta para questão profissional do esporte. O que torna difícil acessar as informações das práticas esportivas amadoras, em que se encaixa o futebol de várzea. Achemos alguns que tratam do futebol de várzea, como: BEVERARI (2009) em que ao longo da sua tese analisa em entrevistas as vertentes do futebol de várzea e seu modo de organização. Desde o histórico até as análises dos modos de organizações atuais através de entrevistas orais. Será um dos autores que utilizaremos como referencial teórico nessa análise. Também encontramos outros, apesar das suas variações todos tratam do futebol de várzea de maneira geral. Existem outros que são estudos de casos sobre futebol de várzea que também serviram como leituras para aprimoramento deste trabalho como: (GOERG, 2010) que trata da análise dos valores presentes nos praticantes de futebol de várzea, realizando entrevistas com os participantes da 13ª Copa Farroupilha de futebol amador. (ALMEIDA, 2013), que traz o estudo de caso do Esporte clube Sampaio Moreira, tratando da relação do clube com o bairro, parecido com que estamos propondo aqui. ; (MAGNANI, 1994); Este nos traz a possibilidade de tratarmos o campo de futebol, ou no caso, os campos, como passíveis de patrimonialização para sua preservação, sem congelar suas práticas, muito pelo contrário. Como futuramente possa ser trabalhado sobre o Campo do Sete. Complementando o processo do tombamento para mostrar como o

¹ SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. CONDEPHAAT. Resolução SC no. 24 de 03 de junho de 1995. Resolução de tombamento do Parque do Povo

futebol de várzea e sua prática são elementos de resistência e luta não só no que tange a memória. Mas, também no que tange as relações sociais. Apresentamos (SCIFONI, 2013) que analisa como se dá o processo de destruição dos campos de futebol de várzea, esses mesmos tombados no Parque do povo, e como se deu essa relação de poderes, mostrando como o futebol de várzea demonstra ser um espaço de resistência, e trazendo também tangenciando a importância de instrumentos de memória para resistir. Muito Importante também ressaltar o (CAJAZEIRA, 2009) na importância da leitura, mas, principalmente no que tange os dados e uma leitura aprofundada sobre a Copa Kaiser e Copa Brahma, campeonatos importantes nos quais o Sete participou que poderão demonstrar um pouco mais profundamente a organização deste clube.

Justifica-se o trabalho pela reflexão sobre que tipo de memória que está sendo contada nos museus e nas cidades. Através da busca pela memória do futebol de várzea, prática difundida em grande parte das periferias da cidade de São Paulo, buscou-se sobre a memória do Sete de Setembro, como meio de contar parte dessa história.

Para compreender a importância e dimensão dessa prática, seguem alguns números sobre o futebol de várzea. Segundo a Liga paulistana de futebol amador (LPFA) em reportagem a *Folha de São Paulo* em 03 de Abril de 2013, existiam cerca de 1.400 times de futebol de várzea por toda a capital paulistana, contando somente os times filiados a esta liga. Deste número são pelo menos 480 times que estão localizados na Zona Leste da Cidade de São Paulo, região que conta com quatro milhões de habitantes. Na mesma reportagem o presidente da liga ressalta que contando também os clubes não filiados, somam-se por volta de três mil times. Como no caso do Sete de Setembro que não é filiado atualmente nesta liga.

Para suprir a demanda de espaços para esses times, não existe uma contagem oficial, mas, segundo levantamento do site UOL feito em 2013, são cerca de 300 campos de futebol de várzea espalhados pela capital paulista, sendo que 122 estão localizados na Zona Leste, quase chegando à metade dos campos nesse levantamento. Pode-se considerar que existam muito mais campos de futebol de várzea visto que a reportagem só considera os Clubes de Comunidade, os Clubes

Escola e os parques públicos. Ainda na reportagem cita que 200 campos estão em processo de reconhecimento. Mas, no caso estudado aqui, não entra na contagem por não ser uma sede própria, e assim como o caso do Sete, existem diversos outros campos espalhados pela cidade.

A partir da mostra da prática do futebol de várzea, seguem os dados dos Museus na cidade de São Paulo, que são os equipamentos que simbolizam a memória da cidade. Segundo dados da prefeitura de São Paulo em 2013, nenhum dos 124 museus da cidade de São Paulo, pertence ao distrito de São Miguel, ainda segundo o estudo a maioria esmagadora dos museus se encontra longe das áreas periféricas. Traz a necessidade de implantação de museus, memoriais, espaços de memória e debate sobre a memória e patrimônio da periferia e o futebol de várzea é um espaço que além de poder contar com a organização dos times e da comunidade, parte de um ponto de interesse de setores das periferias para o início de um trabalho de memória.

Observando os números acima e todo cenário mostrado, o futebol de várzea e seu movimento enquanto prática, não só esportiva, mas de sociabilidade, este trabalho justifica-se pela necessidade de pesquisa acadêmica dessas práticas e memórias, por estarem se perdendo ao longo do tempo. Visto que diversos campos vão dando espaço a prédios e mesmo clubes que tem uma tradição como o Sete, pouco tem da sua memória salvaguardada.

Além da busca e análise dessa memória, que é uma pequena vertente da Museologia, buscamos nesse trabalho a partir das novas práticas mais recentes da Museologia, mostrar a relação de memória e poder (CHAGAS, 2011) questionando a falta de trabalhos e museus nas periferias e das práticas que advém dessas minorias. Trazendo os aspectos da museologia social que busca ampliar o olhar do estado para aquilo que é considerado importante de ser preservado. Adaptando-se dos museus e da Museologia para as novas necessidades da sociedade como aponta Mário Moutinho em um breve resumo sobre as novas práticas da Museologia social:

A revolução museológica do nosso tempo - que se manifesta pela aparição de museus comunitários, museus 'sansmurs', ecomuseus, museus itinerantes ou museus que exploram as possibilidades aparentemente infinitas da comunicação moderna - tem as suas raízes nesta nova tomada de consciência orgânica e filosófica. (MOUTINHO, 2009, p.7)

Este trabalho de conclusão está dividido em dois capítulos, os quais são divididos em subcapítulos. O Primeiro capítulo consiste em uma apresentação do objeto de estudo, o clube de futebol. Uma pequena apresentação do clube e seu histórico, contextualizando brevemente o bairro no qual ele se situa. Através da utilização de um *site*² indicado pelos entrevistados, pois não existe nenhuma referência bibliográfica do clube. Utilizando as entrevistas, atas e fontes primárias para descrição e contextualização do cenário. Esclarecendo para o leitor sobre o objeto estudado. Posteriormente apresentaremos os objetivos deste trabalho abordando os conceitos que servem como suporte teórico e metodológico para a compreensão de história oral, memória, que serão conceitos chaves para o entendimento da proposta geral deste trabalho que é o levantamento da Memória do Clube Sete de Setembro e sua relação com o bairro da Vila Progresso.

No segundo capítulo serão apresentados os entrevistados: Sr. Alexandre (conhecido por Kaká) e o Sr. Sidnei, mostrando suas relações com o Sete e com o bairro. Após apresentar o perfil dos entrevistados, será mostrada a atual relação que o Sete tem com o bairro da Vila Progresso, tentando mostra-la a partir de todas as dinâmicas do clube com o bairro, mostrando o futebol de várzea enquanto uma das práticas de sociabilidade e de resistência que acontecem nos bairros das periferias, neste caso, na Vila Progresso. Posteriormente ao analisar as entrevistas, cruzando com os dados obtidos, com os objetos e fotografias até então encontrados pretende-se com este projeto mostrar não só as relações do futebol de várzea e sua memória social com o bairro, mas, suscitar o debate e discussão no fomento de espaços Museológicos a partir dessas memórias que estão a ponto de serem perdidas, por não haver um trabalho nessa região carente de espaços museológicos. E partir da atual sede do Sete de Setembro como ponto de

²Disponível em <<http://www.simmm.com.br/memorias/sete/principal.asp>> Acesso em 24/09/2016.

referencia para que se possa suscitar o debate sobre práticas museológicas sobre essa memória rica e viva. Inicialmente propondo um levantamento da memória do clube que terá como base a busca da memória dos moradores locais, em conjunto com os atletas, frequentadores do Sete em permanente busca. Pois, nesse pequeno espaço de tempo, pode-se verificar parte dos Sessenta e dois anos de história deste clube, sendo que com todos os percalços, tem-se muito pouco acervo físico e muita memória a ser salvaguardada para ser mostrado ao público.

2. O Clube Sete de Setembro

O Sete de Setembro da Vila Progresso é um clube tradicional de futebol de várzea da zona leste da capital paulista. Localizado no bairro da Vila Progresso, distrito de São Miguel Paulista. Para aqueles que não conhecem a região, o campo fica próximo a Arena Itaquera (estádio de futebol do time do Corinthians construído para a abertura da Copa do Mundo de 2014). O Sete foi fundado no dia 7 de Setembro de 1954, sempre foi um clube de várzea, embora ao longo dos anos, tenha criado diversos mecanismos para gestão do futebol, como por exemplo, o clube possui um CNPJ (Cadastro nacional de pessoa jurídica), o que possibilita arrecadar fundos via emenda parlamentar³ para organização de campeonatos como já ocorreu. Até outras possibilidades de atuação como empresa, possui diretoria eleita. Consta no site a história da fundação do clube com década a década⁴.

O clube participa de diversos campeonatos de futebol de várzea na cidade de São Paulo, sazonalmente fora de seus limites. Inclusive sempre participando das maiores copas de futebol de várzea da cidade: Como Copa Kaiser⁵, Taça cidade de São Paulo, Taça Brahma. Podemos especificar a complexidade desses torneios citando Cajazeiras, recomendando sua leitura⁶. Sua atual sede é utilizada para sediar vários campeonatos, inclusive alguns organizados pelo próprio clube, alugado também para clubes do bairro e até de outros bairros. Possui diversas categorias

3Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/relacoes_governamentais/emendas%20/2011/2011_emendas.pdf> Acesso em 19/10/2016

4 A campanha política, em 1954, estava em pleno andamento e, como acontece até hoje, os candidatos da época também compravam os votos de seus eleitores, oferecendo a eles jogos de camisas, calções e meias. "Assistia a uma partida de futebol junto com meus amigos Oswaldo Mercadante, João Alves Machado e Edmundo Posledrik, quando fomos abordados por um desses políticos. Não deu outra, com a promessa de votarmos nele, ganhamos um jogo de fardamento completo, nas cores vermelho e branco. Agora, era só reunir mais amigos e montar um time", conta o Sr. Rubélio Campos Silva, primeiro diretor esportivo do Sete de Setembro Futebol Clube. Disponível em <<http://www.simmm.com.br/memorias/sete/principal.asp>> Acesso em 24/09/2016.

5Disponível em <<http://m.esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/ultimas-noticias/2013/05/26/copa-kaiser-ja-tem-seis-classificados-para-terceira-fase-leoes-segue-perfeito.htm>> Acesso em 13/03/2017.

6CAJAZEIRAS, Danilo Heitor Vilarinho. Geografia(s) do futebol contemporâneo em São Paulo, Espaços do jogar e torcer na metrópole. Trabalho de Graduação Individual, São Paulo, 2009.

em que disputa campeonatos e amistosos desde sub-15 (para atletas até quinze anos), outras categorias para adolescentes, os chamados *masters*, para atletas até 40 anos e os veteranos que só disputam atletas com mais de 50 anos de idade, este sendo o principal time do clube até hoje.

Com uma sede cedida, porém não definitiva, já que é uma propriedade privada, na qual o dono deixa o clube ficar, conta com uma infraestrutura considerada boa para os padrões da várzea paulistana. Com o campo cercado, arquibancada, quatro vestiários, um bar, banheiros femininos e masculinos e um espaço no qual eles guardam os troféus. Espaço este que é uma pequena sala, na qual está parte dos troféus do Sete conquistados ao longo dos anos, sem nenhum processo de organização. Apesar disso, o clube se mantém sempre em alerta para todas as situações possíveis, como despejo ou utilização do dono do terreno para outros fins.



Figura 1: Fotografia do campo do Sete de Setembro, retirada sete de maio de 2016. Fonte: Autor.

Ao longo de toda sua trajetória, o Sete de Setembro mudou várias vezes de sede, porém todas dentro dos limites do bairro da Vila Progresso. Segundo os

entrevistados e o site o clube ocupou quatro sedes distintas ao longo de seus sessenta e dois anos de história, em alguns momentos ficou sem campo para disputar campeonatos, passou só a disputar jogos fora, como citado na entrevista e no site. O Clube nunca teve um terreno próprio, sempre ocupou espaços público-privados ociosos, inclusive esse foi um dos motivos para a perda destes espaços. Segundo este site o primeiro campo foi tomado por grileiros para loteamento, o segundo campo, ficava perto da antiga estação de trem “parada quinze de novembro”, nos conta o Sr Kaká, que foi perdido, “porque ai era particular, ai o pessoal quis pegar o terreno de volta”, consta no site que o terreno foi perdido por não haver dinheiro para o pagamento, devido a um assalto ocorrido. O Terceiro campo também foi perdido por ser privado, até que em 1989 acharam o terreno da atual sede, segundo o Sr. Kaká e o site o terreno foi conseguido pelo Sr Souza , e todos, a partir de então, trabalharam na construção e organização do campo.

A gente mesmo, fazia manutenção, inclusive, os vestiários foram nós que construímos, nós, que construímos, tinha um bar ali, nos construímos, um vestiário, a gente veio, na época teve um presidente Zanini, mandou vir areia para o campo, ai veio cheio de pedra, a gente ia lá embaixo e pegava as pedras, tirava do campo, praticamente nós que fizemos esse campo. (Entrevista cedida pelo Sr. Kaká)

Como conta o Sr. Kaká o processo de estabelecimento no campo era coletivo. Visto a necessidade de um campo para o clube, os dirigentes, atletas e simpatizantes procuravam terrenos que poderiam ser utilizado e assim, de maneira coletiva, como mostram as fotografias e o Sr. Kaká comenta a preparação e transformação no terreno era feita, com colaboração da comunidade. De todos os campos somente a atual sede resistiu ao crescimento do bairro no local até hoje, com reformas permanentes e mudanças. Construção de vestiários, alambrados, Como consta nas fotografias que ele trouxe e as fotografias que constam no site indicado pela equipe e cita o Sr. Kaká em sua entrevista. Essa relação com o campo pode ser vista também no trecho abaixo retirado do site indicado pelos entrevistados:

De 1980 até 1984, continuamos a jogar em campos adversários, quando o presidente da época, o Sr. Souza, conseguiu um terreno, todo cheio de buracos, na Av. Jacatirão da Serra 777, mesma do nosso primeiro campo. Com a ajuda da Cia”. Metropolitana, que depositou mais de 500 caminhões

de terra no local e a dedicação do Sr. Souza voltamos a ter nosso campo e nossa sede.”, orgulha-se.(Trecho retirado do Site Simm)

2.2 Acervos do clube

Atualmente não existe nenhum trabalho sistemático da memória do clube, mas existe um espaço onde são colocados alguns dos seus troféus. Geralmente são tiradas muitas fotografias e penduradas em quadros, hoje com o advento das câmeras digitais, essa prática vem se perdendo. Como citado em entrevista pelo Sr. Kaká, assim como os troféus, camisas, fotografias do clube vão sendo emprestadas, doadas, passadas de mão em mão e vão se perdendo com o tempo. Muito dos materiais estão espalhados pelas casas de ex-atletas, dirigentes. Inclusive, em uma busca rápida na internet, se encontra um blusão do Sete a venda, em sites de venda *online*. Apesar desse rico material se encontrar em diversos lugares, em pouco tempo de mobilização se conseguiu muito material para pesquisa, os entrevistados e consultados possuíam quadros com fotografias:



Figura 2: Fotografia do Sr. Diógenes vulgo “Gigante” em seu Bar, no dia da entrevista mostrando o quadro com as fotografias do time. Fonte: Autor. Foto tirada em 19/06/2016.

Além das fotografias do Sr. Kaká, existem também outras fotografias. Como por exemplo: o Sr. Diógenes, vulgo Gigante, também contatado, da fotografia acima. Realizando diversas conversas, na qual mostrou diversas fotografias da sua época de jogador de futebol de várzea, quando jogava pelo Sete. Atualmente é dono de um bar, no bairro da antiga parada XV de novembro. A forma como as fotografias foram preservadas se repete, um quadro grande que fica pendurado na parede do seu Bar. Geralmente a fórmula de salvaguarda se repete, o quadro é composto por diversas fotografias coladas. A maior parte das fotografias em seu conteúdo, a depender, fazem menção à figura que fez o quadro, como no caso do Gigante. No caso do clube são referentes a figuras importantes do clube, clubes visitantes, aquela clássica fotografia que é tirada antes de todo jogo, com todos perfilados.

São poucos materiais institucionais e outros poucos materiais individuais, porém, a riqueza de memória dos envolvidos com o clube ao ter acesso a esses materiais, a memória evocada, ao ter acesso à materialidade, se concebe enquanto mostra a importância da manutenção e busca por um espaço de memória deste no clube. No que Joel Candau compreende enquanto de Memória propriamente dita:

A memória propriamente dita ou de alto nível, que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédicas (saberes, crenças, sensações, sentimentos, etc.) A memória de alto nível, feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória. (CANDAU, 2011, p, 23)

Levando em conta esse conceito de memória, principalmente esta de evocação, que vem de acordo com o nosso propósito ao entrevistar ambos, com as fotografias que lembrariam, pensa-se em analisar a percepção do entrevistado para que se possa iniciar uma prática sistemática de análise e compreensão do que cada um pensa para podermos fazer um balanço das memórias do clube, e como esse se relaciona ao bairro, mostrando a memória social tirada a partir do material colhido. Claro, nunca será suficiente, pois, são muitas relações envoltas, porém, pretendeu-se e pretende-se futuramente ampliar esses estudos. Pensando o objeto de estudo, o campo de futebol como um produto de apresentação das representações daquele clube, dessas tão ricas memórias apresentadas nessas entrevistas.

O Clube não possui um inventário do acervo que possui, porém, em rápida visualização, o material que pertence ao clube e está em sua posse, Cerca de 10 troféus e dois painéis de fotografias que ficam penduradas na entrada do bar, parte está exposto no bar e outra parte guardada em um espaço.



Figura 3: Entrada do campo, Ao fundo o bar, e nessa parede estão quadro com fotografias do clube, espaço do bar, onde foram colocados os troféus para serem tiradas. Fonte: autor. 7 de Maio de 2016.

Contudo, a proposta neste trabalho é fazer essa pesquisa para que posteriormente possa ser feito um trabalho mais completo e consistente na coleta das memórias do clube. Pensando no conceito de memória que trabalhe do ponto de vista do indivíduo, como citado respeitando sua percepção sobre o clube, porém apresentando de maneira geral as diversas visões sobre sua representação. A ideia do trabalho não é pensar o clube como um organismo fechado, com ideias e memórias únicas, como sabe, nos grupos, existem diversas representações de identidades e memórias, por isso, a importância de observar as mais diversas e ao

mesmo tempo, procurar relações que venham mostrar a memória social através do campo.

Existem diversos clubes de futebol de várzea muitos próximos uns dos outros, o Sete enquanto clube, não foi o único do bairro, ainda não é, é um clube de referência, pois, tem um campo próprio e abre espaço para que outros clubes do bairro possam jogar ali, pagando um valor para usufruírem do horário. O Sete tem uma agenda muito concorrida.

O ponto a ser apresentando aqui é que, como um espaço de passagem e sociabilidade existem muitas relações nesse campo, desde os jogadores do próprio clube, adversários e outros transeuntes. Essas relações fazem com que os clubes e jogadores criem laços fortes com o espaço, tornando a identidade dos clubes mais fluente. Com os seus 62 anos de história, o Sete faz parte da história do futebol de várzea da cidade de São Paulo, principalmente da Zona leste. Além desta identificação, existe uma relação estreita com o bairro, que é um dos motivos que acaba fazendo com que o trabalho de busca das memórias envolvidas neste clube, seja as mais distintas. Sem contar as relações envoltas com o próprio bairro e sua falta de estrutura, que será trabalhada no próximo capítulo.

Como ressaltado no início deste subcapítulo pode-se perceber que pouca coisa se encontra no clube, a maior parte das memórias, camisas, fotografias se encontram espalhadas com ex-atletas, pessoas que passaram pelo clube. Mostrando como as memórias desses clubes de futebol de várzea vão se perdendo, pois, geralmente não se tem nos clubes um trabalho de guarda das camisas que vão sendo feitas ao longo dos anos, mesma as tradicionais fotografias feitas antes do jogo, que acabam ficando na casa de um ex-dirigente, que acaba perdendo ou jogando fora.

Em determinado momento da entrevista o Sr.Kaká nos conta que é muito comum depois do uso das camisas, a doação delas, ou até a sua perda. Não existe uma preocupação de maneira geral na salvaguarda desses uniformes:

Ah, o que acontece. Eles são, a gente usa , usa, usa e depois eles são doados né, pra criançada, ou se alguém precisar de uniforme de... E tem uns que acaba mesmo, natural né. (Entrevista cedida pelo Sr. Kaká)

Neste caso podemos ver a solidariedade e contribuição entre os clubes e também com a comunidade. No caso, na renovação do seu uniforme, existe a doação do uniforme antigo para crianças que querem formar um time da rua, para disputar 'rachas', que são amistosos contra outra rua. E também para outros times que não tem condição de fazer um uniforme.

Então nesse caso, além dos troféus e fotografias que estão no clube hoje, existem diversas outras fotografias e camisas que estão espalhadas com ex-jogadores, diretores e as mais diversas pessoas. Porém a falta de acervo material não diminui a possibilidade do trabalho, pois existe uma riqueza de memórias dos envolvidos com clube, que pode ser mais profundamente analisada.

2,2 Conceitos

Para sistematização deste trabalho foram necessárias diversas leituras, inicialmente para sua concepção, posteriormente para utilização no decorrer da pesquisa para analisar as relações envoltas na memória de cada entrevistado e sua relação o clube e com o bairro. Inicialmente se parte do princípio que a Museologia enquanto ciência, a partir da década de 1970, com a nova Museologia, Que parte do princípio de atuação mais social e prática dos Museus, Como diz Moutinho *“O conceito de Museologia Social, traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.”*. A partir da mesa de Santiago, na qual essa temática começa a ser debatida repensando o papel do museu e da museologia na sociedade, começando a abrir caminhos para novas possibilidades de práticas museológicas e novas modalidades de museus. Aquela instituição fechada, concebida a partir de um prédio e basicamente a conservação e preservação de acervos físicos, que reverberava na salvaguarda somente daqueles que tinham posse.

As relações estreitas entre a institucionalização da memória e as classes privilegiadas têm favorecido esta concepção museal. Não é fruto do acaso o fato de muitos museus estarem fisicamente localizados em edifícios que um dia tiveram uma serventia diretamente ligada a estâncias que se identificam e se nomeiam como sedes de poder ou residência de indivíduos “poderosos”. (CHAGAS, 2011. p. 3)

Com base no argumento acima, busca-se levantar e pesquisar a memória de um grupo que não tinha espaços e não tem sua memória levada em conta por parte

dos museus. Ou no caso, não partilha suas memórias de maneira mais sistematizada.

Partindo desse olhar social para a museologia, surge a ideia de pensar a relação da museologia com essa pesquisa, enquanto processo. Não somente da parte prática do processo de musealização de acervos físicos. Nesse caso seria somente um dos pontos, pois, existe pouco acervo material, mas, a Museologia aqui traria sua relação a partir dos conceitos sobre museologia que vieram a partir da Mesa Redonda de Santiago de 1972, utilizando as práticas museológicas pensando em seu viés social, no retorno e na sua função prática para a localidade. Em termos práticos musealizando a memória do Sete e a partir do que é considerado acervo imaterial, na salvaguarda da memória social existente em torno do clube. Levando em conta e baseando-se no trabalho do Museu do futebol, que a partir da prática do futebol, trabalha a memória em torno do futebol, enquanto prática esportiva e prática social. Enquanto prática museológica no que tange o acervo material, ao possível acervo que surja e também, pensar, um processo de acondicionamento e salvaguarda. E Também considerar a possibilidade do campo atual do sete enquanto patrimônio, não aquele congelado que deve ser regulado, mas, assim, como foi no caso do tombamento do Parque do Povo (MAGNANI, 1994).

Pensando no Sete, enquanto espaço de futebol de várzea, periférico, que resistiu e ainda resiste a 62 anos de especulação imobiliária em um bairro que fica entre duas centralidades importantes na região da zona leste da cidade de São Paulo, (Itaquera e Guaianazes), em meio de processo de transformação de um bairro vizinho, o bairro de Itaquera, com o advento da Copa do Mundo (VASCONCELOS, 2015). É necessário um trabalho de memória e práticas museológicas de um grupo que até então, não tinha espaço, claro, o futebol de várzea enquanto prática é muito pouco analisado, dado a sua relevância em suas comunidades. Principalmente neste ponto de vista social. Então, voltar o olhar museológico aqui, nos remete a Mário Chagas e ao conceito de memória do poder trabalhado por ele, no qual a memória e o esquecimento são muito atrelados a quem detém o poder.

É fácil compreender, por esta picada mitológica, que os museus podem ser espaços celebrativos da memória do poder ou equipamentos interessados em trabalhar com o poder da memória. Essa compreensão está atrelada ao reconhecimento da deficiência imunológica da memória em relação ao contágio virótico do poder e da inteira dependência química do poder em relação ao entorpecimento da memória. A memória (provocada ou espontânea) é construção e não está aprisionada nas coisas, ao contrário, situa-se na dimensão interrelacional entre os seres, e entre os seres e as coisas. (CHAGAS, 2011, p.2)

Pelo poder que a memória tem de fortalecer identidades das comunidades ou de apagar, no caso dessas memórias não serem repassadas. O Futebol de várzea ainda hoje, tem uma força em sua prática, não somente atrelada ao esporte, mas, em diversas funções como podemos enxergar não só no Sete, mas, em diversos clubes de futebol de várzea. Trazendo também parte do pensamento contemporâneo da museologia, que parte de novas modalidades de práticas museológicas. Como Mário Chagas esquematiza na (CHAGAS, 2011, P.5) Concebendo o antigo e o novo museu. Relação população + patrimônio + território, Levando em conta toda imaterialidade, existente nessas relações para poder considerar objeto de estudo de uma museologia pratica e ativas para soluções do dia a dia. Na qual podemos transpor para novas realidades, que no caso, é o estudo da Memória do Sete, que a princípio não trata da concepção de um Museu, mas, de um início de salvaguarda da memória.

O diferencial, neste caso, não está no reconhecimento do poder da memória, mas sim na colocação desse poder ao serviço do desenvolvimento social, bem como na compreensão teórica e no exercício prático da apropriação da memória e do seu uso como ferramenta de intervenção social (CHAGAS, 2011, p. 3).

As principais ideias aqui trabalhadas partem do que é discutido pelo Joel Candau em Memória e identidade. A partir de suas ideias, de considerar as Memórias coletivas, praticamente inexistentes. Pois, o conceito da memória coletiva para ser considerado verdadeiro e válido, teria que serem memórias construídas coletivas de forças que pensam e agem da mesma maneira para serem consideradas como tal. Como cada ser é diferente do outro, no próprio exemplo citado por ele, então, a ideia de Memória social, pois, não carrega essa relação arbitrária que queremos evitar ao tratar da memória de um bairro. (Mas, ao mesmo tempo, carrega as individualidades, junto com as memórias que são socializadas,

com todas suas relações de poder envoltas, seja ela macro (periferia- centro), sejam elas internas do clube, do bairro).

O Uso da história oral, tal como definimos e pensamos e como utilizamos essa metodologia durante as entrevistas e nas análises, sempre levando em conta a individualidade do ser entrevistado, do local que fala o entrevistador. Mas, o principal é considerar que antes de tudo considerar que é a individualidade que está sendo narrada, levando em conta a influência do meio:

A História oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e memórias individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. (PORTELLI, 1997, p. 15)

Embora tratem de pontos individuais, as ideias de Joel Candau e Portelli, dialogam ao considerar a memória social, apesar de se tratar de uma faculdade individual, não exclui a influência externa do grupo em que vivem esses indivíduos. Devemos pensar a memória a partir do indivíduo, que é a quem parte a faculdade como conta Portelli:

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a história oral dizer respeito a versões do passado. Ou seja, a memória. Ainda que esta seja sempre moldada pelo meio social, em última análise, o ato é a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas, apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. (PORTELLI, 1997, p.16)

Respeitando a individualidade do ser e suas memórias, trazemos também o ponto que a memória está em eterna reconstrução, que ao tempo, sem evocação acabam se perdendo caso não sejam escritas ou transcritas para posterioridade. Como vivemos hoje em uma sociedade letrada, que escreve os hábitos que as antigas sociedades que não tinham escritas, e eram mais orais, tinham de repassar suas histórias em rodas de conversa. Caso não tenha essa relação de contos e repasse de histórias acabou perdendo memórias. Neste ponto, que o campo do Sete se torna importante para aglutinar essas memórias, que em geral não se resumem ao campo em si, mas, ao que representa o Sete ao longo do tempo, o futebol de várzea, aos tempos antigos e vividos no bairro, as relações criadas. Por isso trazemos o conceito de lugar de memória para o campo em si, que representa

muito além desse espaço, mas, de um representante físico, tangível que evoca memórias posteriores. Como traz Pierre Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notaria atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias de uma minoria refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardado nada mais faz do que levar a incandescência à verdade a todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São Como bastiões sobre os quais se escora. (NORA, 1993, p.16)

No caso do Bairro da Vila progresso isso fica muito claro, essa necessidade da memória dos moradores locais e o apagamento de sua história. Quando, a Estação de trem parada XV é desativada, existe uma reivindicação na assembleia registrada em ata para que haja um espaço de memória da Estação e do bairro vizinho⁷. O Apagamento da memória dos campos anteriores, quase sem nenhum registro, fica claro, que o Campo do Sete ainda resiste não só enquanto lugar de uso, mas, de memória.

Que posteriormente nos leva a pensar e repensar em conclusões e definições do que representam a memória social da vila Progresso. Pensando que a Vila Progresso em meio ao desenvolvimento e crescimento da cidade, foi perdendo seus referenciais. Partindo dessa ideia, pretendeu-se usar os conceitos para verificar qual seria o nível da relação do clube com o bairro, se seria somente ligada à prática do esporte, se poderia estar ligada com a memória social do bairro. No próximo capítulo essa relação será abordada.

⁷ Prefeitura do Município de São Paulo. Resolução n.º 83 /CADES/2004, de 27 de abril de 2004. Disponível em < http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/cadesresolucao_83_1257525777.pdf> Acesso em 02/03/2017

3. O Clube na memória dos entrevistados

A Metodologia utilizada foi história oral através de entrevistas orais semiabertas com perguntas que interrogavam aos entrevistados sua relação com clube e a relação do mesmo com o bairro. Fizemos diversas entrevistas, visitas ao campo e ao clube, em diversos dias, sendo eles de jogos ou não. Porém, durante a escrita e organização do trabalho, verificou-se a viabilidade de utilização de duas entrevistas.⁸ Os outros diversos contatos feitos contribuíram em muito para o trabalho a maneira de observar outras situações, reflexões e contatos que poderiam trazer mais informações. O que não prejudicou o andamento e riqueza do trabalho, só incentiva a posterior produção e aplicação da proposta.

A primeira entrevista utilizada para apresentação em citação é do Sr. Carlos Henrique da Silva, Kaká, 53 anos de idade, morador do bairro Vila Progresso e ex-jogador de futebol de várzea do clube Sete, hoje é diretor do clube, sua atuação como jogador foi na década de 1990. Ele também trabalha em uma associação que trata de crianças no bairro. Por ser membro da atual gestão do clube, pôde nos dar um panorama atual sobre a situação do Sete, enquanto instituição, como morador do bairro, pode nos traçar um panorama da relação do clube com o bairro, inclusive historicamente (claro, sempre contando com sua atual posição de diretoria) e sua longa história de relação com o Clube em diversas posições. Traz uma profundidade para mostrar qual as relações históricas internas e externas contendo informações que se somam com as apresentadas no site indicados pelas pessoas contactadas. A indicação para a entrevista foi feita pelo atual presidente, o Sr Pelé, inclusive, em um dos dias das visitas que fiz ao clube, dia 07/05/2016 estava ocorrendo uma festa organizada por essa ONG.

⁸ A impossibilidade da utilização da entrevista do Sr. Diógenes, vulgo Gigante, foi pelo fato do arquivo da entrevista ter corrompido e posteriormente por questão de agendas, a impossibilidade de uma nova entrevista. Além do Sr. Valter de Almeida Costa que apesar de responder nossas perguntas, optou por indicar o Sr. Sidnei para uma entrevista sobre o Bairro, por pensar que o Sidnei saberia responder melhor as questões acerca do bairro.

Em sua entrevista, o Sr. Kaká trouxe 10 fotografias de sua própria escolha que ele achou que tivesse alguma relação com a entrevista, dentre elas, fotos do bairro, fotos da sua infância na escola do bairro, fotos em outros clubes e obviamente fotos do Sete. Interessante citar que a entrevista foi realizada no bar do clube ao lado de sua filha e seu neto recém-nascido, que também frequenta o clube desde cedo. Durante um sábado, no horário de jogo. Houve algumas interrupções por jogadas importantes em campo, cumprimentos e acenos de colegas. Após a entrevista dele, eles se reuniram em torno das fotografias levadas pelo Kaká e ficaram conversando e trocando memórias sobre os momentos das fotos e pessoas. Trazendo aqui para nós o conceito de evocação deliberada ou involuntária de lembranças autobiográficas como remetemos em sua primeira citação acima. Que colabora para a memória através de objetos.

A Segunda entrevista foi realizada com o Sr. Sidnei Santos, 47 anos, morador da vila progresso desde os cinco anos de idade, trabalha de mensageiro no centro de São Paulo no banco de desenvolvimento de São Paulo. Ele ocupou a cadeira de conselheiro participativo de São Paulo em 2015, atual presidente da associação comunidade esportiva da Vila Progresso. Jogador de futebol de várzea. A entrevista foi realizada por indicação do Sr. Valter Almeida Costa, professor e uma liderança política da região, que foi uma das primeiras pessoas encontradas para falar do bairro. Também indicou Sidnei por sua atuação no bairro e vivência. Ao entrevistar o Sidnei podemos trazer as memórias daqueles que tem uma relação com o campo, mas, também, tem uma relação maior com o bairro. Por ser uma liderança na Vila progresso, pode nos dar um panorama da relação do clube com o bairro. Também, mostrando um pouco do bairro. Ele, junto a outros moradores, iniciou um projeto de transformação de um antigo lixão do bairro em uma praça, pelo bairro não contar com uma praça, em 2010. Antiga reivindicação dos moradores, por não ter nenhum espaço de lazer no bairro além do campo. Ele não trouxe nenhuma fotografia relativa ao campo, mas trouxe fotografias que contam um pouco da sua memória, tratando do bairro, além disso, falou da relação com o Sete.

São duas fotografias da quadra de esporte que eles lutaram para conseguir e recortes de jornais retratando dessas conquistas, ao perguntar sobre fotografias do

campo, ele disse que possui apenas as suas memórias. Em sua fala Sidnei fala da falta do costume de guardar objetos, embora tenha feito bastante coisa no bairro e jogado bola no Sete diversas vezes, não guarda nenhuma fotografia. *É difícil guardar, tenho poucas fotos aqui, queria guardar mais. Mas, é muita coisa pra fazer. (entrevista cedida pelo Sidnei)*

Podemos relacionar as duas entrevistas dentro de diversas perspectivas que mencionam o Clube enquanto objeto da memória que faz parte da vida de ambos. Uma delas é relacionar o Sete enquanto espaço físico dentro de um bairro, a vila progresso. O envolvimento das pessoas que ali vivem, seja das mais distantes como o Sidnei, quanto o Kaká que é diretor do clube.

Outro aspecto interessante que podemos notar nas entrevistas e nas visitas ao campo é a relação que as pessoas que estão no meio do futebol de várzea têm com os espaços. Pelo fato de haver diversos times em um espaço com poucos campos, no caso da Vila progresso esse é o único, quando anteriormente haviam vários, perdidos por diversos motivos.

Não sei não, não posso te dizer preciso. É o campo ficava tipo dois meses e acabava não marcava. Então ele ficava meses e acabava. Entendeu, os campos que marcaram, foi o campo do Vila, que ficou muitos anos. O campo agora do Sete, o sete mesmo aqui na vila, teve três lugares, diferentes, três ou quatro lugares que acabava rápido. Porque vinha e grilava o pessoal, construía casa. Então o campo que mais durou foi o campo do Vila e o que tá mais durando é o campo do sete. (Entrevista cedida pelo Sr. Kaká)

A rotatividade e interação entre os personagens e as pessoas atuante no futebol de várzea é a da mais variada possível. Como na fala do Sr Kaká que diz que: *“não tem noção, joguei no anjinho, no vila progresso, no sete, joguei no internacional”*. Pois, um cidadão que jogou no Sete de setembro, também jogou em outro clube. Como no caso do Sidney, nunca jogou como jogador do Sete, mas nos outros clubes em que jogou e que treinou, jogou contra ou utiliza o campo do sete para jogar.

Ao longo das entrevistas e das idas ao campo, podemos perceber como o clube está muito ligado ao bairro, visto que em todos os momentos a lembrança, as fotografias trazidas pelos jogadores fazem referencia a outros lugares do bairro, outros campos já desativados. A antiga estação de trem, outro marco importante do bairro, estação já demolida, pela mudança do trajeto do trem. Podemos destacar e

mostrar como o clube tem sua relação profunda com o bairro mostrando que 1993, anexaram os dizeres Vila Progresso em seu nome oficial e no símbolo em 1993. Mostrando uma relação intrínseca da memória do clube com a memória do bairro, o fato de ter sede quatro cantos distintos do bairro e ainda sim, continuar nos limites do bairro, faz com que criasse uma raiz e se torne também uma referencia geográfica.



Figura 4 e 5: Em sequência: distintivo antigo e em sequência distintivo atual, com a modernização e a inscrição do nome do bairro. Imagens retiradas no Site Simm, dia 14/03/2017. Ao lado dos símbolos acompanha esse texto: “Quando o primeiro distintivo do clube foi criado, em 07/09/1954, o nome do bairro não aparecia. Porém, em junho de 1993, na presidência do Sr. José Luiz Zanzini, ele foi redesenhado, ganhando formas mais modernas e passando a exibir o nome de Vila Progresso.” Fonte: Disponível em <<http://www.simmm.com.br/memorias/sete/principal.asp>>Acesso em 24/09/2016.

O ponto Central desta pesquisa é saber qual a relação do Clube e suas memórias com o bairro da Vila Progresso, para assim, poder partir dessa resposta, assim como verificamos em parte nas entrevistas, que a história e memórias deste clube vinculam-se não somente com este campo, mas com todo bairro, além das memórias vinculadas aos três campos anteriores que ficavam ao redor do bairro. Mas também aos outros clubes de futebol de várzea que utilizam a atual sede do Sete de Setembro.

Ao iniciarmos a entrevista com o Sr. Kaká, a primeira foto que ele quis apresentar foi à fotografia abaixo:

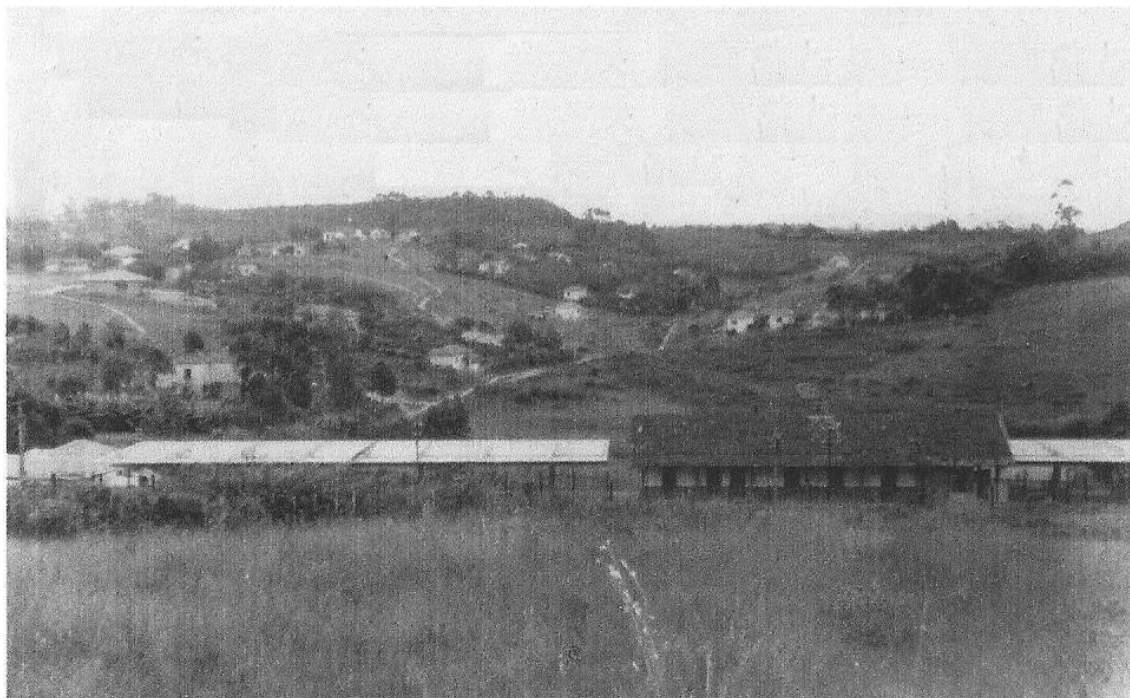


Figura 6: fotografia levada pelo Kaká, mostrando a Vila Progresso, por volta da década de 1950, à primeira estação de trem, denominada parada XV de novembro, que deu início ao loteamento. Fonte: Sr Kaká. Data: desconhecida

O Comentário dele acerca da fotografia:

Então aqui, eu queria explicar, é os anos cinquenta da Vila Progresso né. Tinha a linha do trem, tinha ,tinha a estação, parada quinze de novembro, que era continuação da vila progresso. É o início da vila progresso praticamente. (Entrevista cedida pelo Sr. Kaká)

Como podemos verificar nessa fala ao tentar mostrar as suas memórias do clube, ele inicia mostrando uma fotografia da estação parada XV de Novembro, mostrando que ali seria o início da vila progresso, mostrando junto a diversos fatores além da anexação do nome do bairro ao nome oficial do clube a ligação próxima e o melhor entendimento das histórias do Sete a partir da Vila progresso. Confirmando a necessidade de se relacionar o clube dentro do bairro. A fotografia mostra a estação de trem da antiga parada quinze de novembro, uma das estações da antiga linha de trem que ligava a Cidade de São Paulo a cidade de Mogi das Cruzes⁹. A

9 A ESTAÇÃO: Quando a ferrovia chegou à região em 1876, a Vila Progresso ainda era a Fazenda Figueira Grande. A estação, porém, somente foi aberta em 1926 (segundo a Central, em 29 de julho, e segundo moradores da região, em 15 de novembro, daí o nome...). A parte baixa da fazenda era a Vila Progresso - da Cia. Progresso, que comprou a fazenda em 1905 - data ainda incerta - e iniciou o loteamento em 1912. A sua construção foi fruto de uma

Partir da estação começava um crescimento populacional no bairro que já era ocupado. Com as demarcações atuais oficiais onde se localizava a estação antiga estação, hoje uma avenida de grande movimento, a “nova Radial” é a rodovia que divide os bairros da Vila progresso do bairro XV de novembro¹⁰. Cabe ressaltar que em sua fala seguinte , assim como podemos verificar no site que um dos campos do Sete, localizou-se posteriormente ao lado da estação como pode ser vista abaixo na figura 9.

A história do clube e do bairro se mistura ao longo das entrevistas e das pesquisas, ainda hoje, existem dezenas de times na Vila progresso, que jogam sazonalmente no campo do Sete, quando há espaço.

Do ponto de vista institucional, que podemos considerar o Sr. Kaká, ele nos trás muitas referencias históricas e marcos do Sete, como por exemplo: a História do procura pelo campo e inauguração da atual sede, registrada na fotografia abaixo:

longa jornada de luta da população local nos anos 1920, que inclusive montaram barricadas por dois anos, quando havia dois trens diários para quem quisesse embarcar para São Paulo ou Mogi, mas somente se podia tomá-los caminhando até Itaquera. Os moradores do local ergueram barricadas na linha durante dois anos até sua conquista definitiva, em 1926. Disponível em <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/q/quinnovembro.htm>> dia 14/03/2017. Por Ralph Mennucci Giesbrecht, acesso em 09.08.2016.

10 Prefeitura do Município de São Paulo. Resolução n.º 83 /CADES/2004, de 27 de abril de 2004. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/cadesresolucao_83_1257525777.pdf> Acesso em 02/03/2017



Figura 7: fotografia levada pelo Kaká para entrevista, foto tirada após a inauguração do campo.

Relato: Essa foto tem gente histórica, tem seu Souza, tem o Dió, tem o tio Bié, tem o milonga, e pessoas aqui inéditas, tem o seu Alceu, tem o Claudião, tem gente aqui que vem de décadas, e foi onde tudo começou, nesse campo aqui. (Cedido na entrevista do Sr. Kaká.).

Ao longo da descrição ele conta que foi a busca por esse ultimo campo, no qual o clube manda seus jogos até hoje. Muito mais estruturado, que ao longo do tempo das gestões foram cuidando para melhorar a infraestrutura. Mas aqui neste ponto é onde inicia a história desse atual campo, que até hoje o sete manda seus jogos e é objeto deste trabalho. O Relato do Sr. Kaká coaduna com o relato no site sobre o campo, ao longo das fotografias no campo podemos acompanhar o desenvolvimento, primeiros muros, arquibancadas, arvores plantadas, vestiários apontados pelo Sr. Kaká como construção coletiva.

Durante a entrevista do Sr. Sidnei para a pesquisa, nota-se certo distanciamento sobre o Sete. Porém, constantemente o Sete é lembrado como referencial para o bairro. Em todos os times que o Sidnei jogou, alugava o campo, ainda como faz hoje com o seu time. Ao longo, da entrevista trazendo diversos

clubes de futebol que participou em certa parte da entrevista o sobrinho dele chegou, que também jogou no Sete por alguns meses. Como é o caso de muitos jovens do bairro.

A Escolha da entrevista do Sr. Sidnei parte de uma proposta de analisar a relação do clube com pessoas mais distantes do bairro. Ele apesar de ter sido jogador de futebol de várzea e atualmente ajuda a manter um time no bairro, que joga no campo do Sete. Nunca fez parte do clube, apesar de jogar no campo. Comparando com a visão institucional do Sr. Kaká que tem um vínculo afetivo com o clube.

A entrevista foi realizada na praça do bairro, a qual é citada na apresentação inicial do entrevistado. A segunda parte foi realizada na sala da sua casa, onde o mesmo mostrou algumas das suas fotografias da praça, e dos convites para inauguração da mesma. O roteiro de perguntas para o mesmo foi adaptado, como o Sidnei sempre morou no bairro, foram feitas as mesmas perguntas, mas, também, perguntando sobre o bairro, para levantar informações sobre o bairro.

As memórias do Sidnei em relação ao bairro da Vila progresso e seu desenvolvimento, trazendo a tona, os diversos campos que tinham na região, assim como o Sr. Kaká. A antiga estação de trem que era referencial para os moradores de região, que na década de 2000 foi desativada pela mudança nas linhas dos trens. Trazendo muito como o córrego hoje poluído que passa a céu aberto, era limpo e os moradores usufruíam também de uma lagoa que ficava do outro lado do rio. Mostrando que ao longo do tempo, com o desenvolvimento da cidade, nas suas memórias e nas memórias do Sr. Kaká o bairro foi crescendo e perdendo esses espaços de lazer.

Em 1988 o prefeito Reinaldo de Barros colocava luz no bairro. Atrás do rio tinham lagos, onde brincávamos, tinha diversos campos, também fala da relação conflituoso no bairro, em relação às drogas e também a prefeitura. É uma dificuldade para conseguir algo, porque o bairro da vila Progresso fica no perímetro de diversos distritos e ao longo do tempo foi modificado essa localização, falou do tempo do trem, (desativado em 2000, quando sua linha foi modificado), que era muito fácil se deslocar para Suzano/Mogi/cidade vizinhas), depois veio a radial que substituiu o trem e hoje está aí, tem pouco lazer, tem a praça e o sete, falta muito. (entrevista cedida por Sidnei)

Ao longo da entrevista e sua trajetória fica claro a relação do futebol de várzea com o bairro, e sua transitoriedade. Pois, ao longo da sua vida no bairro, sempre jogou em clubes, inclusive fundando o Sociedade em 1986, com ajuda do Valter, que doou os uniformes. Inicialmente não conseguiram horário para jogar no Sete naquela época, jogava invariavelmente como visitantes. Segundo o mesmo ainda, haviam diversos campos de várzea no bairro e região, que foram sumindo.

O Comunidade esportiva progresso, de 2010, tinha sub11, sub12, tinha salão e campo. A partir de 2012 virou Sport, porque o trato com as crianças é muito difícil, tem que ter responsabilidade com as mães. O Sport joga sábado 3h30. (Entrevista cedida pelo Sidnei)

Neste trato social da relação da prática do futebol de várzea com o bairro, se mostra neste pela perspectiva que o clube assume como o bairro. Como um dos únicos espaços de sociabilidade. As mães deixam seus filhos irem treinar e às vezes até jogar em outros bairros com esses treinadores, mostrando a relação de familiaridade e confiança que esses espaços acabam trazendo. Seja em dia de semana em dias de treinos ou até em finais de semana em jogos. Outro ponto é que esses espaços acabam se tornando um dos espaços que podem possibilitar Ascensão social através do futebol. Demonstrado no momento em que durante a entrevista, chega o sobrinho do Sidnei mancando. E após uma conversa entre ambos o Sr. Sidnei me apresenta: Este é o meu sobrinho, hoje joga na base do Guarulhos, já jogou no sete. Como no caso, possibilidade de ascenderem socialmente através do futebol.

Inclusive, apesar de existir só o campo do sete na Vila Progresso, no bairro vizinho existe o campo do Curuçá, já é outra delimitação, existem diversos times na Vila Progresso, que jogam no Sete e muitos outros jogam fora. Mostrou-nos o grupo no aplicativo de mensagem onde são marcados os jogos.

Morei em quase todas as ruas do bairro, existiam muitos campos de várzea no bairro, o campo do vermelho, olaria, tricolor, sete, ressaca, canarinho. Hoje só tem o Sete na Progresso, e o tricolor que fica na Curuçá. (entrevista cedida pelo Sidnei)

As lembranças em relação ao Sete de setembro ficam mais no contexto do bairro, como resistência ao longo dos anos. Não só como espaço de prática

esportiva, mas, como um único espaço de lazer do bairro. Em toda citação ao bairro, fala da falta de espaços e opção de lazer para a comunidade, que hoje se resumem a praça e ao campo, mantidas com dificuldade. Caso queiram lazer tem que pegar condução e ir ao Shopping ou outros espaços longe das proximidades do bairro.

Na parte em que fala da relação do clube com bairro ele é muito enfático:

Precisa que se une mais, porque o clube, pra gente não perder esse espaço né, esse espaço não é da prefeitura né, é um espaço particular, e a gente briga pra não perder o espaço, se a gente perder esse espaço, tem a molecada que tá chegando né, e o bairro não tem muita opção, não tem muita opção. Tem pouca opção, nós não temos praça, então, o campo do sete ,quando alguém quer, espairar, vem aqui assistir um futebol, num sábado, num domingo, entendeu. (Entrevista cedida pelo Sr Kaká)

3.2 Como o clube existe na vida das pessoas do bairro

As duas entrevistas formam um paralelo bem interessante, pois trazemos aqui o clube como referencial, o Sr. Kaká tem uma vida mais ligada ao Sete de Setembro, atualmente é diretor e o Sidnei não tem vínculo institucional nenhum com o sete, somente, joga com o clube dele alugando um horário do campo aos fins de semana. Mas, o fato do Sidnei ter lutado junto com moradores da Vila Progresso para a criação de uma praça com quadra poliesportiva no bairro, devido à falta de políticas públicas para o bairro que é essencialmente residencial, na qual uma das únicas possibilidades era o Campo do Sete, coaduna com a audiência pública realizada para apresentação do projeto de criação da Avenida Radial leste, que as contrapartidas e questionamento entre outras para a avenida eram: *Criação de praças em Vila Progresso; Implantação da arborização, áreas verdes e parques*. Bem como a manutenção destes espaços e de criação e implementação de políticas públicas para os moradores.

O Sete de setembro além de alugar o campo para clubes da região para jogar, tem um bar e um espaço de convivência onde, moradores da região, jogam domino, carteadado, senhores de idade vão acompanhar os jogos do domingo como uma atividade de lazer, tomar cerveja durante o jogo.

Anteriormente segundo o Sr. Kaká, ocorriam festas nas datas de aniversário do Sete, com festivais, nas quais a comunidade sempre marcava sua presença. O lugar também é utilizado para festas da comunidade, como, por exemplo, a ONG em

que o Kaká trabalha, realizou uma festa para as crianças dessa instituição. Além do principal aspecto que trata o clube, o futebol de várzea, além das escolas da região, da praça, não existem equipamentos públicos ou espaços de sociabilidade que permitam a comunidade usufruir do seu espaço de folga. Acabam ficando nas calçadas e ruas, ou em suas casas. O campo do Sete e esta praça acabam sendo os únicos espaços para usufruto e sociabilidade do bairro.

A relação do clube com o bairro é boa é que , o pessoal participa , tem jogos aqui o pessoal vem assistir, sempre a gente faz festa, no dia 7 de setembro sempre tem muita festa aqui e vem todo o pessoal do bairro, é uma relação boa sim. Semana passada foi um evento que fizemos pra 23 crianças que tem câncer. (Entrevista cedida pelo Sr. Kaká)

Os projetos de escolinhas de futebol durante a semana faz com que as crianças e os pais tenham acesso ao local. Também em um momento da entrevista ao ser perguntado sobre a relação do sete com a escola. O Kaká mostra que as escolas traziam as crianças para praticar a ginástica no campo do sete:

Com o Anchieta? Não, não, não tem. Anchieta é. É de vez em quando os alunos de lá vem fazer ginástica aqui, mas, é raro, hoje em dia, nem de mais o pessoal de escola, não quer fazer. (Entrevista cedida pelo Sr. Kaká)

A importante relação que se faz nessas duas entrevistas e como o Sr. Sidnei valoriza a conquista da praça para o bairro nos momentos da entrevista de Sidnei em que ele ressalta a luta e conquista de uma das poucas praças do bairro com o Projeto de Lei 401/2011 conquistada em luta dele em companhia de moradores, em um lugar que anteriormente era um aterro. Ressaltando a importância de espaços públicos de convivência. Com o crescimento do bairro, todos os campos de futebol de várzea e praças deram espaços a prédios e casas. Vide, exemplo dos três campos de futebol do Sete. Nesta foto área vemos a densidade demográfica do bairro e seus espaços públicos, que se resumem ao Sete e a esta praça.



Figura 8: Imagem dos limites do bairro do Google Maps, 2011. A linha traçada em amarelo mostra os limites geográficos atuais do Bairro da vila Progresso. A imagem também apresenta os locais onde ficavam os campos anteriores e o campo atual.



Figura 9: imagem retirada do Site Simm. Onde se localizavam os campos de futebol do Sete. Disponível em <<http://www.simmm.com.br/memorias/sete/principal.asp>> Acesso em 24/09/2016.

Neste ponto fica claro a relação antiga do clube com o bairro, todos os campos dentro do bairro. Nesse sentido, até os dias atuais, o campo de futebol acaba sendo uma das poucas oportunidades de lazer dentro do bairro, nas quais se pode optar por realizar festas. Como citado na entrevista com o Sr. Kaká, em um dos primeiros encontros no campo estava sendo feita uma festa para uma organização social do bairro.

Podemos pegar também a data de fundação do clube, 1954, se junta ao momento de desenvolvimento do bairro e da região. Apesar da estação parada XV de novembro ser de 1926 a região só veio a se desenvolver a partir da década de 1950, período em que o clube é fundado e que aparece esse loteamento em 1955. O clube desde então acompanha o bairro em sua vida.

**UMA NOVA CIDADE QUE SURGE
A APENAS MEIA HORA DA CAPITAL**

VILA XV DE NOVENBRO

(Loteamento inscrito de acordo com o Decreto-Lei 58)

OS MELHORES TERRENOS

e de mais rápida valorização

SITUAÇÃO PRIVILEGIADA

a maior altitude nessa região

IGREJA CATOLICA

onde há officio religioso todos os domingos

ILUMINAÇÃO ELETRICA

abrangendo grande parte dos terrenos

PRAZO LONGO, SEM JUROS

e pagamentos em modicas prestações

CLIMA SALUBRE

agua potavel de ottima qualidade

GRUPO ESCOLAR

MODERNISSIMO

pronto para funcionar

CONDUÇÃO FARTA E BARATA

tanto de trens como de onibus

ESTRADA ASFALTADA

da Capital aos terrenos, conforme grafico ao lado

ESTRADA DE FERRO

trens que partem da Estação do Norte (Roosevelt) fazendo parada na

ESTAÇÃO XV DE NOVENBRO

situada dentro dos terrenos



Sociedade Imobiliaria XV de Novembro Ltda.

Rua Boa Vista, 314 - 5.º andar - Conjunto C - Tel. 35-5510

Figura 10: Neste anúncio de 1955 vê-se que nesta época ainda se vendiam lotes em XV de novembro e a estação e o trem eram os grandes chamarizes (Folha da Manhã, 14/8/1955). Fonte: Acervo online do Jornal FOLHA DA MANHÃ Disponível em <<http://acervo.folha.uol.com.br/fdm>> Acesso em 15/03/2017

3.3 O Campo do Sete como referencial de memória no bairro da Vila Progresso.

Levando em conta as entrevistas e as idas ao campo, podemos perceber que além da presença física com um dos únicos espaços de sociabilidade mais amplo do bairro. Além da praça, podemos verificar o campo do Sete, funcionando como um referencial geográfico, nas idas ao campo, fui perguntando a diversas pessoas onde ficava o sete e todas sabiam. O que mostra o conhecimento das pessoas sobre o espaço, mostrando o local como uma referencia geográfica. Além do que podemos chamar de lugar de memória. Embora, temos aqui neste trabalho somente duas entrevistas, o que se pode perceber é que ao conversar sobre o campo com as pessoas, elas começam a rememorar não somente memórias e histórias relativas aquele campo exclusivo, mas, ao futebol de várzea e sua relação com o bairro. Essa prática do futebol de várzea é uma das poucas oportunidades de lazer, que acaba ganhando importância social na dinâmica do bairro, sendo algo a mais que prática esportiva. Pois, este somente é uma parte da história do Sete e do futebol de várzea na região. Em toda a entrevista do Kaká fica claro, pois, a partir da história do Sete, ele vai contando a história de outros clubes da região, Como por exemplo, o Vila Progresso ou ex- clube dele, os anjinhos, que já se remete a outro campo que é o campo do vila Progresso, que acabou se perdendo. Na entrevista do Sidnei fica latente essa relação também, pois, ao falar do campo do Sete, ele rememora tantas outros espaços que se perderam. Com o lago que ficava do outro lado do Rio, voltando especificamente para o futebol de várzea, lembrava-se de outros campos de futebol que ficavam no bairro: o campo do vermelho, olaria, tricolor, sete, ressaca, canarinho. Hoje só tem o Sete na Vila, e o tricolor que fica na Curuçá.

Essa relação do campo como esse catalizador da memória das pessoas envolta nos traz não uma ligação afetiva somente com o campo, mas, com o bairro. Então, a partir deste trabalho com uma continuidade nas entrevistas e pesquisas, já podemos aqui afirmar este lugar como um espaço de memória, que traz lembranças do futebol de várzea na região. Mostrar o campo do Sete, espaço atual, como

referencial de memória no bairro mostra-se muito adequado, não somente quando se trata de futebol de várzea, porque nesse caso também o Sete e o seu campo são referendados como um dos campos mais antigos desta região da zona leste da cidade de São Paulo. Mas, a relação de referências memoriais com o bairro se nota nas entrevistas e nas pesquisas que se fazem nos blogs e redes sociais. Quando se acessa o blog Vila Progresso 100 anos¹¹ e o site Sampa minha cidade¹², observa-se que os principais pontos citados quando se trata da memória do bairro da Vila Progresso, são a Estação parada XV de novembro e o Sete de Setembro. Mesmo por pessoas com pouca ou nenhuma ligação com o campo.

Podemos notar isso também nas fotografias de todos que tem alguma relação mais próxima do time podem mostrar, o Sr. Kaká e o Gigante, a maioria das fotografias que trouxeram, são do atual campo. Também, deve-se ao maior acesso a câmeras digitais na década de 1980, momento em que o time inaugura o atual campo.



11 A descrição do site: Blog destinado à divulgação de notícias e atividades sobre o centenário da Vila Progresso. Acesso em 14/03/2017 <<http://vp-100.blogspot.com.br/>>

12 Este um site da São Paulo turismo onde moradores da cidade de São Paulo contam suas memórias sobre a cidade Disponível em <<http://saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/1758/Parada%2BXV%2Bde%2BNovembro>> acesso em 14/03/2017

Figura 11: fotografias na sede do bar. Fonte: Autor. Data: sete de maio de 2016

Como podemos notar nas fotografias estão muitas lembranças do atual campo, mas com todos aqueles aspectos relatados na transitoriedade dos usuários do campo e suas memórias. Essa relação que esses clubes guardam e trocam, vemos além das fotografias de jogadores e times do Sete, notam-se outros clubes, como por exemplo, o Botafogo de Guaianazes. Nota-se a deterioração das fotografias na parte inferior do painel. Esses painéis são montados com fotografias escolhidas aleatoriamente, definindo critérios de importância e a partir disso elas são coladas. Essa é a maneira de salvaguardar e exposição das fotografias que se encontrou. O que se pode sugerir um início de trabalho de musealização, com as pessoas do clube pensando na preservação, embora, não seja a maneira mais adequada, percebe-se que apesar do pouco tempo de pesquisa, a relação do Sete como referencial de memória do bairro da vila progresso se sobressai, não só, por ser até hoje o referencial mais antigo do bairro. Mas, também pela sua relação com o bairro.

4. Considerações finais

Desde o início da pesquisa, sabendo do potencial que tinha este tema, buscamos um clube com certa estrutura para poder aplicar essa pesquisa e analisar a relação do campo com o clube de maneira mais ampla. Dessa maneira, não apenas analisamos a relação futebolística, mas também a social e a geográfica. Ao longo da pesquisa, esta escolha se deu de maneira certa, ao verificar que desde o início de sua ocupação o bairro da Vila Progresso carrega um vínculo com o Sete, mesmo que distante. Apesar de a Vila Progresso ter uma ocupação anterior, e a inauguração da Estação parada XV de novembro ser efeito da luta dos moradores. A criação do Sete e a luta do clube para continuar no campo mesmo nos dias de hoje, reflete o quanto este clube está próximo da comunidade. Lá no início, o anseio do grupo de amigos em relação à montagem do clube para jogar futebol e hoje como uma espécie, não só de prática futebolística, mas de resistência da periferia. Levando em conta o olhar deste autor em suas idas ao campo, o que se analisa com as entrevistas, pesquisas e leituras referentes ao Sete de Setembro e ao futebol de várzea é que o Sete de Setembro carrega uma relação direta com o desenvolvimento do bairro. Sejam nas menções as memórias do bairro, que indireta ou diretamente sempre tem relação com o campo, ou com o futebol de várzea no bairro, que hoje se espelha neste espaço que é o campo do Sete.

Claro, que dentro de um universo de milhares de moradores, entrevistamos apenas dois e conversamos com alguns outros. Porém este trabalho foi um início de uma futura pesquisa a ser ampliada sobre a relevância deste clube e do futebol de várzea da zona leste de São Paulo. Uma pequena contribuição para que se possa verificar e pesquisar sobre práticas que anteriormente não eram pesquisadas. Com o olhar de alguém que participou de alguma maneira desses processos.

O Sete de Setembro hoje é reflexo de 62 anos de trabalho, e ao analisarmos as percepções do Sidnei e do Sr. Kaká sobre o campo podemos verificar sua importância, seja ao tratar da relevância enquanto espaço de sociabilidade que falta

no bairro, seja do ponto de vista da memória do bairro. Pois, é o referencial de memória, que se tem quando se trata do bairro. Pois a estação de trem foi desativada e ficaram fotografias, apesar da recente desativação. Por isso, trazemos a conclusão de que, não apenas a permanência deste clube com este campo no bairro é um ato de resistência de um bairro, que vai perdendo suas memórias aos poucos, é um ato de lembrar a periferia que ela tem suas práticas e seus costumes devem ser celebrados. Por isso a proposição, de uma pesquisa e continuidade da busca por memórias do Sete e de outros clubes de futebol de várzea, para que futuramente possam ser usados quem sabe para a criação de um Museu da várzea.

Referências

- ALMEIDA, Marina Oliveira. ; **A Várzea Paulistana sai de campo? O Caso do E.C. Sampaio Moreira.** Trabalho de conclusão de curso Guarulhos, 2013.
- BEVERARI, Rafael Firmino. **Futebol de Várzea: Berços e insubordinações.** PUC-SP, Faculdade de Ciências Sociais, Relatório Final do projeto de iniciação científica. São Paulo-SP, Junho 2009.
- CAJAZEIRAS, Danilo Heitor Vilarinho. **Geografia(s) do futebol contemporâneo em São Paulo, Espaços do jogar e torcer na metrópole.** Trabalho de Graduação Individual, São Paulo, 2009.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade.** Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHAGAS, Mário. **Memória e Poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus.** II Encontro Internacional de Ecomuseus, Rio de Janeiro: s/e, 2000. P. 13. - Mapas Cartográficos da cidade de São Paulo
- FERREIRA, Maria Letícia Mazurcai. **Políticas da memória e políticas do esquecimento.** Revista Aurora, 10,2011.
- MAGNANI, José Guilherme C.; **O Lazer na cidade. Texto apresentado ao Condephaat para fundamentar o processo de tombamento do Parque do Povo.** São Paulo, quatro de julho de 1994.
- MASCARENHAS, G. **Várzeas, operários e futebol: outra geografia.** Geografia (UFF), v. 4, p. 32-47, 2002.
- MOUTINHO, Mário Canova. **SOBRE O CONCEITO DE MUSEOLOGIA SOCIAL.** Cadernos de Sociomuseologia, [S.I.], v. 1, n. 1, may 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>>. Acesso em: 07 mar. 2017
- NORAH, Pierre. **Entre Memória e História, problemática dos lugares.** Tradução: Yarah aun Khoury, Proj, História, São Paulo, (10, dezembro, 1993).
- PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral.** In: Projeto História nº 15. São Paulo, PUC, 1997, p. 13-50.
- SCIFONI, Simone. **Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo.** Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.21. N.2. P. 125-151. Jul.- dez. 2013.
- SEABRA, Odete Carvalho de Lima. **Territórios do uso: Cotidiano e modo de vida. Cidades.** V.1, N.2, 2004, P. 181-2006.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014, p. 7-72.

VASCONCELOS, Daniel Bruno. **A Copa do Mundo de 2014 na cidade de São Paulo: as transformações na estrutura urbana de Itaquera**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Doi: 10.11606/D.8.2015.tde-09112015-131540. Acesso em: 2017-03-29.

Fontes

SANTOS, Sidnei da Silva. A Percepção dos moradores do Bairro da vila progresso em relação ao campo do Sete. **Entrevista de História Oral Temática**, concedida a RODRIGUES, João Pedro. São Paulo, 2016.

SILVA, Carlos Henrique. A Percepção dos moradores do Bairro da vila progresso em relação ao campo do Sete. **Entrevista de História Oral Temática**, concedida a RODRIGUES, João Pedro. São Paulo, 2016.

Disponível em <<http://www.simmm.com.br/memorias/sete/principal.asp>> Acesso em 24/09/2016.

Disponível em <<http://m.esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/COPA-kaiser/ultimas-noticias/2013/05/26/copa-kaiser-ja-tem-seis-classificados-para-terceira-fase-leoes-segue-perfeito.htm>> Acesso em 14/03/2017.

Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/relacoes_governamentais/emendas%202011/2011_emendas.pdf> Acesso em 19/10/2016.

Disponível em <23/06/2012 - Diário Oficial Cidade de São Paulo - Pag. 59> Acesso em 21/10/2016.

Resolução n.º 83 /CADES/2004, de 27 de abril de 2004. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/cadesresolucao_83_1257525777.pdf> Acesso em 02/03/2017

Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento_ur.php?p=160788> acesso em 24/09/2014 as 03h11min.

Disponível em <<http://especial.folha.uol.com.br/2016/morar/tatuape-mooca/2016/04/1756729-zona-leste-concentra-um-terco-dos-times-do-futebol-de-varzea-paulistano.shtml>> Acesso em 14/03/2017

Disponível em <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/ultimas-noticias/2013/05/03/futebol-de-varzea-foge-do-centro-e-encontra-abrigo-na-periferia-de-sp.htm>> Acesso em 14/03/2017

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. CONDEPHAAT. Resolução SC no. 24 de 03 de junho de 1995. Resolução de tombamento do Parque do Povo.

Acervo online do Jornal FOLHA DA MANHÃ Disponível em <<http://acervo.folha.uol.com.br/fdm>> Acesso em 15/03/2017

Apêndices

Perguntas bases para as entrevistas realizadas:

1. Quantos anos você tem? Qual sua profissão?
2. Qual sua relação com o campo/Clube
3. Quando foi o seu primeiro contato com o clube/bairro?
4. Qual é a relação do Clube com o Bairro?
5. Conte um pouco sobre a história do Clube?
6. Conte um pouco sobre as outras sedes do clube?
7. Você morou ou mora na região?
8. Você tem algum objeto que remeta a sua memória aqui no clube?